

LOBOS-MAUS E CHAPEUZINHOS-VERMELHOS EM ILUSTRAÇÕES PARA VER E LER*Giovana Scareli**Elenise Cristina Pires de Andrade***RESUMO**

Propomos olhares em movimento pelos interiores de algumas imagens em busca de reconhecer elementos de sua própria linguagem a fim de estabelecermos um diálogo com estas imagens e suas/nossas potencialidades, encantamentos, sentidos. Ver Lobos e Chapeuzinhos como fragmentos ressonantes em narrativas que se multiplicam em diferentes cenários e “contextualizações”. Nossa aposta está em não mais obedecer à necessidade representacional do questionamento “o que isso quer dizer?”, “qual o significado daquilo?”, mas possibilitar escorregões e deslizes pelas potências da contemplação e produção de sentidos na própria imagem. Ler imagens que se soltam do texto. Ler textos que se permitem desvincular das imagens; (im)possibilidades em buscar outras apresentações da menina e do animal com a intenção de tencionar os limites do que frequentemente se nomeia imagem, texto, produção cultural, e potencializar as multiplicidades na ausência do equivalente que representariam e interpretariam. Mas e quanto ao papel do professor perante a educação advinda das imagens: seríamos nós os “faxineiros/as” das “misturas”, das “diferenças” com que nos deparamos no campo educacional, na tentativa de deixar tudo mais uniforme? Se assim o for, talvez estejamos pasteurizando interpretações e análises – pasteurização que não ocorre somente na indústria, mas também com as linguagens e conteúdos.

PALAVRAS-CHAVE

Leitura de imagens; Educação visual; Pós-modernidade

BAD WOLVES, LITTLE RED RIDING HOODS IN ILLUSTRATIONS TO SEE AND READ**ABSTRACT**

We consider looks in movement through the interiors of some images trying to recognize elements of its own language in order to establish a dialogue with these images and its/ours potentialities, wondering, senses. To see resonant Bad Wolf and Little Red Riding Hood as fragments in narratives that multiplies in different scenes and “contexts”. Our bet is no more to obey the representational necessity for the question “what does this want to say?”, “which is the meaning of that?”, but to make possible some sliding for the potency of the contemplation and sense production in the image by itself. To read images that gets free from the text. To read texts that allows it to disentail from the images; (im)possibilities in searching other presentations of the little girl and the wolf with the intention to pressure the limits of what frequent is called image, text, cultural production, and to amplify the multiplicities in the absence of the equivalent that the images would represent and interpret. About the teacher’s role when the subject is the image education, we ask: should we’ll be the “cleaner” of the “mixtures”, of the “differences” that we’ll meet in the educational field, in the attempt to leave all more uniform? If thus it will be, perhaps we’ll be pasteurized interpretations and analyses – process that does not only occur in the industry, but also with the languages and contents.

KEYWORDS*Reading of images; Visual education; Postmodernity*

*Pela estrada a fora eu vou bem sozinha
Levar esses doces para a vovozinha
Ela mora longe e o caminho é deserto
E o lobo-mau passeia aqui por perto¹.*

A televisão, os *outdoors*, os jornais, as revistas, a internet, o cinema, os livros ilustrados, as histórias em quadrinhos, os desenhos animados, os *games*; todos fazem parte da nossa vida. Cada suporte imagético carrega linguagens próprias que são divulgadas de maneira impressa, digital ou áudio-visual e chegam ao público de variadas formas.

Partindo desta premissa, este artigo propõe olharmos para algumas imagens, tentando nos movimentar pelo seu interior, buscando reconhecer elementos de sua própria linguagem a fim de estabelecermos um diálogo com estas imagens e suas/nossas potencialidades, encantamentos, sentidos. Esta leitura, no entanto, se fará em uma inversão na maneira de nos relacionar com elas – já que estamos acostumados a ver as imagens ‘ilustrando’ textos, livros didáticos, jornais, avaliações escolares, panfletos, cartazes, como se estivessem, quase sempre, a serviço do texto escrito, em uma postura secundária.

O que buscamos provocar é a desconexão entre a imagem como meramente ilustrativa de um texto e o sentido que o atravessa, abandonando o entendimento de que as imagens simplesmente sugerem leituras. Não mais obedecendo à necessidade representacional do questionamento “o que isso quer dizer?”, “qual o significado daquilo?”, mas possibilitando escorregões e deslizamentos pelas potências da contemplação e produção de sentidos na própria imagem.

Voltemos, pois, aos personagens do título desse texto: Chapeuzinho Vermelho e o Lobo-mau. Haveria um pensamento-imagem correto para apresentar tais personagens? Seria possível buscar a imagem verdadeira da menina e do animal?

Escolhemos en(cantar)mo-nos pelo estranhamento, pelo abandono da representação que nos é proposta por Foucault (2002) quando se enebria com *Las niñas*² de Velásquez, e por Gilles Deleuze em *Diferença e Repetição* (2006) – representação esta que imporia, segundo os filósofos franceses, a necessidade de um duplo equivalente, de uma

¹ Música da história “Chapeuzinho vermelho” da coleção *Disquinho*, lançado em CD pela Som Livre, 2003.

² Museu do Prado, Espanha.

relação linear e direta entre “significante” e “significado”. Convidamos, assim, os/as leitores/as a produzirem sentidos e (des)encontros pelas imagens “em si”.

O que isso significa? Significa aquilo. Mas o que significa aquilo? Aquele outro. Entendi, e o que aquele outro significa? Círculos concêntricos onde os significados só parecem significar em consonância com os significados anteriores e posteriores em uma espiral infinita de círculos centrados (ANDRADE, 2007).

O intuito seria o de tencionar os limites do que frequentemente se nomeia imagem, texto, produção cultural, e potencializar as multiplicidades na ausência do equivalente que representam e interpretam. Ler textos que se permitem desvincular das imagens, ler imagens que se soltam do texto; ver Lobos e Chapeuzinhos que transitam sem um suposto modelo de normalidade, como fragmentos ressonantes em narrativas que se multiplicam em diferentes cenários e “contextualizações” da História em histórias: no quadro “Little Red Riding Hood” de Fleury Francois Richard; nas ilustrações de Gustave Doré para a história de Chapeuzinho; e na animação “Deu a louca no chapeuzinho”, dirigida por Cory Edwards. Iniciemos nossa viagem pela pintura do início do século XIX: “Little Red Riding Hood”, do pintor Fleury Francois Richard (1777-1852), datada de aproximadamente 1820 (Óleo sobre tela. Museu do Louvre, Paris/França).



Indaguemo-nos: esta imagem nos faz lembrar de “Chapeuzinho Vermelho” apenas porque já conhecemos a história?

Para responder, comecemos pela descrição – aliás, uma das formas de iniciar a leitura de uma imagem é descrevendo seus elementos e como eles foram dispostos no quadro. A descrição detalhada do conteúdo imagético nos forneceria, assim, pistas das várias possibilidades de entendimentos.

Nesta obra, podemos ver uma menina pequena vestida com uma capa vermelha, com uma cesta pendurada no braço direito e flores na sua mão. A mão esquerda está erguida, num gesto de aceno, como se estivesse cumprimentando o lobo, que está deitado, coberto com lençol, em uma cama, diante da menina. O cenário desta cena é escuro, embora haja duas janelas grandes e iluminadas, pela qual podemos ver que é dia. As paredes são escuras, encontram-se apenas com “reboque”, sem pintura; o chão é rústico, podendo ser de terra batida. Próximo à menina, há um rastelo, um maço de plantas pendurado na parede e vários objetos espalhados pelo chão. Podemos ver, ainda, uma saia vermelha e, ao lado da cama, um par de sapatos (grandes) desarrumados. No fundo do quadro, próximo à janela, há uma plataforma com uma escada, parecendo um ‘poleiro’, e sobre a plataforma há feno. O telhado não tem forro. A cama onde o lobo está deitado fica entre duas pilastras de madeira que vão até o teto, como se fossem escoras.

Depois desta breve descrição, podemos fazer várias perguntas para esta imagem: que local é esse, onde os personagens se encontram? O que uma criança estaria fazendo ali, com uma cesta e flores, diante de um lobo, que está deitado numa cama, como se fosse um ser humano? De quem é esta cama? Ao encontro de quem foi a menina? De quem é aquela saia e aqueles sapatos? O que aconteceu neste local antes da chegada da menina?



Hoodwinked é o título original da animação dirigida por Cory Edwards em 2005 e que no Brasil foi chamada de “Deu a louca na Chapeuzinho”. A imagem paralisada da animação remete ao famoso encontro de nossos personagens: o lobo e a menina. Mas aqui também cabe a pergunta: como sabemos tratar-se da história apenas a partir da imagem?

Novamente remetemo-nos à descrição: cenário escurecido; uma janela por onde uma luz atravessa e ilumina parte do quarto, que tem paredes recobertas com papel em tons de azul; quadros sobre a cama onde está o lobo, travestido de vovozinha, coberto por uma colcha de retalhos olhando para uma garotinha vestida com capuz vermelho.

Na obra de Richard, temos um cenário de campo e, nesta animação, há elementos na decoração do quarto que nos fazem lembrar de um ambiente mais rústico... Móveis de madeira, papel de parede, colcha de retalhos. Escutemos o diálogo³ desta seqüência do filme:

- Vovó, sou eu Chapeuzinho (entrando na casa). Está tudo bem?
- Está sim, venha cá. (Neste momento a câmara foca o rosto do lobo com a máscara)
- Quem é você?
- Sua avó.
- Está com uma cara estranha, vovó.
- Andei meio doente...
- Sua boca não mexe quando fala.
- Cirurgia. Uma plasticazinha. Venha cá, quero te ver.

³ Diálogo entre chapeuzinho e vovó/lobo na primeira cena da animação.

- E aí, o que tem feito vovó? (aproximando-se da cama)
 - Nada demais. Colcha de retalhos. E aí? Trouxe o bagulho?
 - Como suas mãos estão grandes!
 - Ótimas para coçar as costas.
 - E que orelhas grandes!
 - Perfeitas para ouvir suas críticas. Gente velha é orelhuda, amorzinho.
 - Seus olhos também estão grandes! (*Close nos olhos do lobo*)
 - Vai ficar aí falando que estou enorme? Veio aqui por um motivo, não foi? Conte pra vovó o que tem na cesta!
 - Vovó que bafo horrível!
 - Já chega. (O lobo tira a máscara de vovó que vestia)
 - Você de novo? O que preciso fazer? Conseguir uma medida cautelosa?
- Calma aí, menina. Está na minha mira.
(Neste momento, Chapeuzinho se prepara com uma postura de artes marciais e solta um grito.)
- Corta essa, Chapéu Fu! Fugiu de mim o dia todo, é hora de desistir.
(Chapeuzinho tenta fugir ...)

Ao nos atermos aos diálogos da animação, não é possível manter alguma permanência às imagens do quadro de Fleury Francois Richard, nem ao que costumávamos ouvir quando crianças, como trazemos aqui da coleção *Disquinho*:

Chapeuzinho canta a epígrafe...

- Vovó, vovozinha (batendo na porta).
- Quem bate sem ordem minha? (responde o lobo).
- Sou eu vovó, Chapeuzinho.
- Pode entrar minha netinha.
- Bom dia, vovó.
- Bom dia, chegue aqui na minha frente.
- A vovozinha hoje está com uma voz tão diferente!
- Não é nada, minha filha, acordei um pouco rouca. A madrugada é fria, eu fui lá fora sem touca.
- Vovozinha, você não vai se zangar, mas que são esses olhos tão grandes?
- Para te espiar!
- E esse nariz tão cumprido, tão feio?
- Pra te cheirar.
- E essa boca, vovozinha, tão grande?
- Queres saber? Queres mesmo? (mudando a tonalidade da voz) Então é pra te comer.
(Gritos de Chapeuzinho pedindo por socorro da mãe e do pai enquanto uivos do lobo são também ouvidos.)

Voltemos, então, aos questionamentos feitos anteriormente: que local é esse onde os personagens se encontram? Um estábulo? Uma casa de campo? Em que tempo? O que uma criança estaria fazendo ali diante de um lobo deitado numa cama como se fosse um ser humano? Que disfarce seria esse: nenhum, uma voz rouca, uma máscara de avó? O que aconteceu neste local antes da chegada da menina?

A tentativa de responder a estas perguntas cria possibilidades de inúmeras narrativas para estas imagens. Não podemos afirmar quase nada, mas criar sentidos para cada uma dessas cenas/imagens. No sentido literal, biológico, poderíamos dizer: um animal como o lobo pode atacar a criança, machucando-a ou matando-a. No sentido metafórico, no quadro e na história da coleção *Disquinho*, podemos observar: uma menina, diante de um “lobo”, está em perigo, mas ainda assim, ingenuamente, ela o cumprimenta, sem ter noção do perigo que corre, pois ele está tentando se disfarçar, deitando-se na cama, cobrindo a parte inferior do seu corpo, não revelando, claramente, quem realmente é. No entanto, se pensarmos nas imagens congeladas e nos diálogos da animação teríamos, talvez, até os mesmos cenários e personagens, mas uma subversão do sentido literal e, até mesmo do sentido metafórico – visto que Chapeuzinho parece extremamente desconfiada do ser que está na cama.

Surgiria, então, uma máscara na história; estaria esta somente no rosto do lobo? Será que a suposta ingenuidade e inocência de Chapeuzinho não seriam também uma máscara moral colocada nesta personagem?



Rostos, moralidades, exteriores, cores, lobos. Chamemos Gustave Doré⁴ e suas ilustrações para o texto.

⁴ Gustave Doré (1832-1883), francês considerado um dos maiores ilustradores de todos os tempos, era também pintor e escultor, mas suas pinturas e esculturas não tiveram o mesmo sucesso que suas ilustrações.



As ilustrações⁵ de Doré que escolhemos para aqui apresentar foram feitas em xilogravura (gravura em madeira) e são bastante expressivas. Na primeira, uma menina pequena, usando sapatos, vestido e boina, segura uma espécie de balde e um pedaço de pão em um dos braços, enquanto o outro braço está próximo ao seu peito com a mão fechada mostrando apenas o dedo indicador, como se estivesse apontando ao enorme lobo uma direção. O lobo está de costas para o leitor e a cena se passa numa mata fechada, aparentemente. A menina e o lobo se olham e este olhar nos parece profundo, como se a menina estivesse seduzida pelo lobo.



Na outra imagem, vemos o lobo vestido com uma touca e a menina (talvez nua) sob lençóis em uma cama. Ao lado da menina, há uma cortina e ela puxa o lençol enquanto olha fixamente para o lobo, que não olha diretamente para ela.

Na primeira cena ela está diante de um lobo, numa floresta e parece conversar com ele. Na segunda imagem, ela deita-se com ele. Que olhares são esses da menina? Doré parece ter destacado mais os olhos dela do que os do lobo, que mal vemos na primeira imagem. Por

⁵ As ilustrações de Doré foram retiradas do site <http://members.tripod.com/volobuef/page_maerchen_ilustracoes_volksm.htm> usadas neste texto são ligadas à Universidade Estadual Paulista, mantida pela Profa. Dra. Karin Volobuef, com muitas imagens e muitos textos sobre literatura.

que o enfoque nela? Por que a menina deitou-se com o lobo? Será que ela não o reconheceu? Será que foi seduzida por ele (primeira imagem) e deitou-se sabendo que era o lobo, mas sem conseguir resistir?



Vejam os olhares dessas imagens congeladas do momento do encontro de Chapeuzinho com o lobo na floresta.

Desconfiança? Desdém? Loucura? Sanidade? Monstruosidade? O lobo? Bem, vejamo-lo:

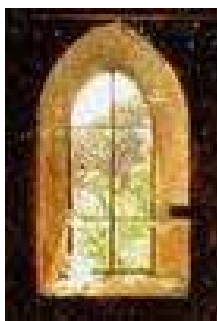


Bola de basquete, camiseta número 23 (eternizada por Michael Jordan), peruca estilo *black power*. Em momentos de descanso, o Lobo-mau é jogador de basquete?

Desconfiança? Desdém? Loucura? Sanidade? Monstruosidade?

Escapar, embaçar. Pensar no fantástico/imaginário com a mesma intensidade do que comumente é chamado de real, concreto, cotidiano. Explorar as potencialidades das monstruosidades desses seres fantásticos como apagamento das fronteiras do ver, do existir, do aprender. “Vemos o estrago que o monstro causa, os restos materiais (as pegadas do yeti através da neve tibetana, os ossos do gigante extraviados em um rochoso precipício), mas o monstro em si torna-se imaterial e desaparece, para reaparecer em algum outro lugar (...)” nos avisa Cohen (2000, p.27) em um lindo texto inserido em uma instigante publicação *Pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras*. Convidamos os/as leitores/as a esses prazeres e perigos do escape e do embaçamento das fronteiras com/nessas imagens que são construídas pela composição, pela junção de pedaços de animais, de seres humanos, de aspectos fisiológicos, anatômicos, realidades e imaginários (ANDRADE; SPEGLICH; ROMAGUERA, 2007).

Lembremos, no entanto, que aqui não estamos em busca de respostas únicas, mas tentamos tencionar o esgarçamento da multiplicidade em atravessamentos. Imagem/texto; texto/imagem. A citação refere-se a outras imagens, a outras invenções, a outros “contextos”, mas que também são essas imagens, essas invenções, esses “contextos”, com-textos/imagens. Chapeuzinhos, lobos, olhares, florestas, falas, camas, máscaras, lençóis, cenários, histórias. Podemos considerar que estas imagens podem ser educativas? *Explorar as potencialidades das monstruosidades desses seres fantásticos como apagamento das fronteiras do ver, do existir, do aprender.* Pensemos, por exemplo, sob dois aspectos: em relação a sua linguagem e em relação ao seu conteúdo.



Em relação à linguagem, a primeira obra por nós apresentada é uma pintura feita com tinta a óleo, sobre uma tela, que segue as regras da perspectiva. Há uma preocupação com as cores e com a luz para criar um efeito de suspense – afinal, neste espaço, tudo é mais escuro, mas a janela funciona como um ponto de fuga que conduz nosso olhar para fora, onde avistamos árvores, o céu claro, enfim, a claridade do dia. Assim, há uma dicotomia que nos auxilia no entendimento, estabelecida pelos elementos da pintura: dentro do local onde a menina está diante do lobo, está escuro, sombrio; fora deste lugar está claro, há luz.

Luz que também contrasta com as sombras em vários pontos das imagens congeladas da animação de Edwards. Mas, talvez mais potente que esse contraste, seja nos aventurarmos pela própria técnica da animação. São desenhos colocados em movimento em 24 *frames* por segundo. Ilusões por natureza. Será? Mas se nós percebemos o movimento, por que, então, a ilusão? Depois de tanto trabalho, as autoras deste texto fazem a inversão do processo: do movimento à paralisação. Fotos do que se movem. Imagens que nos lembram HQs?



Composições que nos convidam a apagamentos e não somente a explicações, justificativas, classificações e delimitações. Como potencializar tais singularidades para o campo educacional?

Continuemos a pensar em relação às outras duas ilustrações de Doré, nas quais o artista trabalhou com a gravura e, mesmo não utilizando cores, faz um jogo de claro e escuro nas duas cenas. Na primeira, há uma clareza sobre os personagens, que contrasta com a sombra das árvores. Na segunda, há mais clareza. Mais elementos, outras leituras... explosão de sentidos, diferentes possibilidades.

Em relação aos seus conteúdos, talvez todas as obras descritas queiram, enfim, alertar as meninas para que tenham mais cuidado, que não sejam tão ingênuas, pois correm perigo – já que os lobos são espertos e perigosos e estão em toda parte. Ou então, poderíamos entender que as garotas, enlouquecidas, fazem coisas que até os lobos duvidam...

Independente da interpretação, a educação apareceria como capaz de incorporar conteúdo e linguagem e(m) camadas de aglomeração e fluidificação, em uma proposta de contaminação e hibridização nas/com as imagens/textos. Pensar nos acompanhamentos e distanciamentos que Antonio Carlos Amorim (2006) nos expressa ao comentar sobre as pinturas de Francis Bacon e as produções cinematográficas “Ônibus 174⁶”

⁶ Produção nacional com direção de José Padilha, 2002.

e “Dois perdidos numa noite suja”⁷ em um pensamento sobre educação e imagens do cinema. O desejo para um cenário de inutilidade, na tentativa de desprender de encontrar o bom-senso, o significado correto, a mensagem subliminar. Contaminação e hibridização em (im)possibilidades de pensamento desconstrutor de narrativas ideais.

Mas e quanto ao papel do professor perante a educação advinda das imagens: seríamos nós os “faxineiros/as” das “misturas”, das “diferenças”, com que nos deparamos no campo educacional, na tentativa de deixar tudo mais uniforme? Se assim o for, não estaríamos apenas pasteurizando interpretações e análises – pasteurização que não ocorre somente na indústria, mas também com as linguagens e conteúdos, nas movimentações e paralisações que atravessam o texto com outras Chapeuzinhos e variados Lobos per-correndo diferentes linguagens, que se multiplicam e se singularizam em conteúdos.

Desconfiança? Desdém? Loucura? Sanidade? Monstruosidade? Cada qual com sua imaginação... A educação se faz e dela surgem mais algumas (im)possibilidades desses personagens pelas virtualidades de algumas “manchetes”⁸, na potência da imaginação brincalhona, na loucura das garotas espertas, nas artimanhas dos Lobos (nem tão espertos?), nas produções culturais que nos atravessam e ressoam, em nossos deslizes e descontroles...

Revista CLAUDIA *Como chegar na casa da vovozinha sem se deixar enganar pelos lobos no caminho*

Revista VEJA "... fulano de tal, 23, o lenhador que retirou Chapeuzinho da barriga do lobo tem sido considerado um herói na região. 'O lobo estava dormindo, acho que não foi tão perigoso assim', admite."

FOLHA DE S, PAULO Legenda da foto: "Chapeuzinho, à direita, aperta a mão de seu salvador". Na matéria, teremos um box com um zoólogo explicando os hábitos alimentares dos lobos e um imenso infográfico mostrando como Chapeuzinho foi devorada e depois salva pelo lenhador.

CAPRICHIO *Esse Lobo é um Gato!*

PLAYBOY (ensaio fotográfico com Chapeuzinho). Veja o que só o lobo viu!

CARAS (ensaio fotográfico) Na banheira de hidromassagem, na cabana da avozinha, em Campos de Jordão, Chapeuzinho reflete sobre os acontecimentos: "Até ser devorada, eu não dava valor para muitas coisas da vida, hoje sou outra pessoa" admite.

G MAGAZINE (ensaio fotográfico com lenhador) Lenhador mostra seu poderoso machado.

⁷ Produção nacional, com direção de José Joffily, 2003.

⁸ Essas frases foram recebidas por e-mail pelas autoras do texto e, aqui estão, em multiplicidades dessas personagens pela contemporaneidade, seja concreta, seja imaginária.

REFERÊNCIAS

AMORIM, A. C. R. Invisível e não enunciável: cinema brasileiro e amnésia de identidades. **Educação & Sociedade**, v. 27, n.97, p.1367-1372, set./dez., 2006.

ANDRADE, E C. P. Joanna Francesa e Dorian Gray: passagens, paisagens e fronteiras em nomes, retratos, currículos. **Pro-Posições**, Campinas, Faculdade de Educação/UNICAMP, v.18, n. 2, p.53, maio/ago. 2007.

_____. ; SPEGLICH, E.; ROMANGUERA, A. **Ver-a-prender-existir-ser-á?**

Disponível em:

[www.gepef.pro.br/EGEPEF/TRABALHOS%20EGEPEF202207/silvio/EleniseAndrade\[1\].pdf](http://www.gepef.pro.br/EGEPEF/TRABALHOS%20EGEPEF202207/silvio/EleniseAndrade[1].pdf)

AZEVEDO, R. **Texto e imagem**: diálogos e linguagens dentro do livro. Disponível em: <http://www.ricardoazevedo.com.br/menu.htm>

BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. Tradução Arlene Caetano. 17^a. edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

COHEN, J. J. A cultura dos monstros: sete teses. In: SILVA, T. T. (Org.). **Pedagogia dos monstros**: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p.23-60

DELEUZE, G. **Diferença e repetição**. 2^a. edição. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. Portugal: Livraria Martins Fontes, 1975.

GIOVANA SCARELI

É pedagoga. Mestre em Educação, com dissertação sobre Educação e Histórias em Quadrinhos; Doutoranda em Educação, desenvolvendo pesquisa sobre Educação e Cinema.

ELENISE CRISTINA PIRES DE ANDRADE

É bióloga. Mestre e doutora em Educação pela Faculdade de Educação da UNICAMP. Professora e coordenadora do curso de Pedagogia das Faculdades Network.

Recebido em: 10/03/2008

Publicado em: 20/10/2008